
Renato de Almeida Vieira e Silva

JK e a reinvenção do cotidiano nas narrativas jornalísticas brasileiras

JK e a reinvenção do cotidiano nas narrativas jornalísticas brasileiras

JK and the reinvention of the everyday life in the Brazilian journalistic narratives

Renato de Almeida Vieira e Silva (Faculdades Rio Branco)

renato-e@uol.com.br

"Eu poderia falar de Furnas, Três Marias, estradas, Brasília, indústria automobilística. Mas não é isso que importa. Amigos, o que importa é o que Juscelino fez do homem brasileiro. Deu-lhe uma nova e violenta dimensão interior. Sacudiu, dentro de nós, insuspeitadas potencialidades. A partir de Juscelino, surge um novo brasileiro. Aí é que está o importante, o monumental, o eterno na obra do ex-presidente. Ele potencializou o homem do Brasil." Nelson Rodrigues – 1961

Resumo

Qual a importância dos discursos para a construção da imagem presidencial nas narrativas jornalísticas, num determinado contexto histórico e comunicacional, sendo essa construção de sentidos capaz de influenciar e ressignificar o cotidiano de um país, ativar o imaginário coletivo e transcender àquele período de governo tornando-se uma fala mitológica até para os presidentes que vieram em sucessão? Esse trabalho se propõe a analisar algumas hipóteses de produção simbólica e de sentidos encontradas nos discursos do presidente JK, publicados em algumas das principais revistas brasileiras entre 1956 e 1960, representadas por *O Cruzeiro* e *Manchete*, contemporizando com algumas citações veiculadas nas revistas *Epoca*, *Veja* e *Isto É*.

Palavras-chave: Mito; poder Simbólico; mídia; modernidade; cotidiano.

Abstract

What is the importance of the discourses for the construction of the presidential image in journalistic narratives, in a certain historical and communicational context, this construction of meanings capable of influencing and re-signifying the daily life of a country, activating the collective imaginary and transcending that period of government, is a mythological speech

even for the presidents who came in succession? This paper proposes to analyze some hypotheses of symbolic production and meanings found in the speeches of the president JK, published in some of the main Brazilian magazines between 1956 and 1960, represented by O Cruzeiro and Manchete, temporizing with some quotes published in the magazines *Epoca*, *Veja* and *Isto É*.

Key-words: Myth; symbolic Power; media; modernity; daily life.

Introdução

"Juscelino define um período histórico, a estrutura, a totalidade, a essência de uma época É mais o começo do que o fim de um período sintetizando novos valores. Havia o sentimento do triunfo, não de um ou de uns, mas da grande maioria." - José Honório Rodrigues

O exercício das práticas democráticas em associação com a mídia forma um conjunto de elementos comunicacionais e discursivos que podem levar à criação de um cenário favorável à interação entre os agentes políticos, a população e a opinião pública em geral, de maneira a despertar ou criar a produção e divulgação de discursos e de sentidos permeados, por vezes, de aspectos simbólicos e míticos em torno de personagens de maior evidência pública no momento histórico vivido por um país. Para essa construção de narrativas contribuem também aspectos da vida e da personalidade dos candidatos aos cargos eletivos, a sua exposição midiática e o reconhecimento coletivo.

No entanto, esses aspectos de personalização da exposição pública dos candidatos não são suficientes para sustentar a propagação das narrativas. É preciso que junto a elas exista um aparato organizado de comunicação de maneira que a mensagem chegue aos mais diferentes segmentos da sociedade, torne-se eficaz na produção de resultados e ganhe espaços em setores importantes e numerosos de eleitores.

Algumas dessas personalidades políticas ganham dimensões únicas em seus respectivos períodos de representação pelo fato de que conseguem permear diferentes momentos da história de um país chegando a constituir um significado mítico em torno de si, cujos pensamentos, palavras, ações e sentidos simbólicos são capazes de influenciar diferentes gerações.

Em sua obra "Mito e Realidade", Mircea Eliade destaca que o mito se assemelha ao relato de algo como surgiu, uma explicação a cerca do surgimento dos fenômenos humanos e culturais de uma sociedade, favorecendo o entendimento de como estes fenômenos chegaram a ser o que são hoje:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". É sempre, portanto, a narrativa de uma

“criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente.

[...]. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma os mitos descrevem, as diversas e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (ELIADE, 2011: 201- 11).

Nesse caso, o personagem político chega à condição de representação mítica quando se torna capaz de perdurar por muito tempo na memória popular e servir de referencial ao discurso político de momento, onde é comum a junção da exposição de uma representação do futuro prometido, às vezes de caráter espetacular, juntando-se aos aspectos consagrados e referenciais da história de uma sociedade, o que lhe serve de imaginário dos tempos que estão por vir.

O mito político pode prescindir, em tese, desse processo de construção e promoção midiática já que traz em si a forte representação que dele se faz e da imagem que construiu. Entretanto a sucessão e continuidade de elaborações que se fazem em torno de sua imagem torna-o ressignificado perante a opinião pública, num movimento contínuo e infundável de narrativas que se disseminam e que lhe dão maior relevância.

Em Barthes podemos verificar que a sustentação do mito vem da própria repetição, da sequência com que as narrativas são contadas e reelaboradas em torno dele, conferindo ao elemento mítico duração e substância. Esse componente mítico encontra, por sua vez, ressonância nas sociedades em geral já que o mito é parte integrante da vida dos indivíduos.

Ao citar Luis Duch, Gonzaga Motta (2002: 15) reforça a presença do elemento mítico em nossa existência:

o mito possui uma natureza complexa, que responde à inevitável complexidade e ambiguidade do ser humano. Por essa razão, por muito mais que se intente, nunca poderá ser liberado da problemática inerente à existência humana e à vida social. O mito chega a fazer-se atual em todas as épocas e em todos os espaços porque está incessantemente reinterpretado em função das novas variáveis que surgem nos trajetos vitais dos indivíduos e das sociedades.

Os meios de comunicação em diferentes épocas tendem a contribuir com maior relevância para a construção e divulgação de componentes do mito que muitas das vezes transcendem ao tempo em que se apresentam, constituindo por vezes no seu conjunto, um documento ou registro histórico do presente. Alguns desses veículos midiáticos, representados pelo surgimento das revistas semanais de variedades no Brasil, conquistaram destacada

importância por sua influência junto à opinião pública, como indutor e divulgador de novos costumes junto à ascendente classe média brasileira, num determinado contexto sócio-político-cultural brasileiro, compreendido nesse estudo, entre 1956 e 1960, fase em que governou o presidente Juscelino Kubitschek.

Esse período é também caracterizado por grandes transformações sociais e econômicas, como também pelo rápido desenvolvimento de diferentes mídias, onde a televisão ainda engatinhava, mas já mostrava seu potencial alcance e o rádio, juntamente com os jornais de grande circulação, reinava praticamente soberanos há algumas décadas. Nesse cenário começam a surgir as revistas semanais de variedades, com destaque para O Cruzeiro e Manchete, que marcaram época por suas propostas gráficas - formatação, conteúdo, linguagem e ilustração, atingindo rapidamente grandes tiragens, sendo vendidas nos principais centros urbanos.

As narrativas jornalísticas publicadas nessas revistas foram em parte responsáveis pela propagação do ideal modernizante dos discursos presidenciais e à produção de sentidos junto às lideranças de opinião e à população em geral, bem como à construção da representação quase mitológica do presidente JK, transcendendo inclusive ao seu período de governo.

Sobre a construção desse processo histórico-midiático em torno dos discursos do presidente JK e as mudanças que se seguiram no estilo de vida e do cotidiano dos brasileiros, sobretudo nas grandes cidades, registrados pelas narrativas jornalísticas, é o que veremos nos tópicos a seguir.

Esse estudo pretende assim evidenciar nos elementos simbólicos e míticos existentes nas narrativas jornalísticas publicadas em torno dos discursos presidenciais de JK, a geração de sentidos indutores de mudanças de comportamento no cotidiano brasileiro na segunda metade da década de 50 do século passado e estabelecer pontes entre esse período e a contemporaneidade brasileira.

O contexto histórico e a construção do mito

"Juscelino foi o único presidente que fundiu o desenvolvimentismo com a proposta democrática. Sua candidatura foi contestada de forma violenta. Sua posse foi contestada. Durante seu governo, houve duas revoltas militares e perturbações gravíssimas. Há um grande mérito em JK do ponto de vista da democracia, que é essa idéia pouco freqüente no Brasil de aceitar o conflito como inerente à política. O que precisamos são regras pelas quais se possa processar esses conflitos. Neste sentido, JK foi um modelo de democrata. Democracia é muito feita de rotina. JK nos deu a lição de que isto seria possível." - José Murilo Carvalho

A presença do estado forte na economia tem suas bases iniciais no período governado por Getúlio Vargas, presidente que esteve à frente do poder nas décadas de 30, 40 e 50. Verifica-se nesse instante a aceleração na formação de grandes centros urbanos, em parte devido aos processos migratórios do campo para as cidades, gerados pelas oportunidades surgidas das

políticas e incentivos industriais que visavam dar maior independência e autonomia possíveis ao país nesse campo. Grandes empresas estatais surgem então, destacando-se a Cia. Siderúrgica Nacional, Petrobrás, Vale do Rio Doce, Eletrobrás e o BNDE.

Apesar dos avanços nos campos econômico e social, no campo político o Brasil ainda engatinhava nas suas práticas democráticas, depois de passar por longo período ditatorial e ver algumas de suas instituições titubarem frente a tentativas de golpes que viriam a descumprir preceitos da ordem constitucional, sobretudo após a morte trágica de Getúlio Vargas.

Surge então em destaque, nesse cenário político transitório e conturbado, a figura de Juscelino Kubistchek, candidatando-se à presidência da República em 1955, apresentando um discurso em parte apoiado naquele de seu antecessor – Getúlio Vargas – quando ao sentido e importância da aceleração da modernização e do desenvolvimento do país, porém de modo não estritamente nacionalista, mais aberto ao investimento e participação do capital privado, não importando a origem.

JK já dava pistas desse seu intento desde o período em que ocupou a cadeira de deputado federal, em que proferiu o seguinte discurso, na Câmara, em 1946, ganhando grande destaque na mídia:

Há mais de meio século, cogita-se da possibilidade de transferir a capital federal para o interior do Brasil. Razões inúmeras alicerçam o ponto de vista dos que assim pensam. As imensas regiões do interior e a força de uma decisão política que transferisse para o seu meio o centro vital da administração brasileira passariam a construir imediatamente um elemento novo de profunda significação econômica e social; na rota do progresso do Brasil o grande sonho de se recuar a fronteira econômica do Brasil, levando-a para regiões que ainda aguardam uma nova epopeia de bandeirantes, foi o fator decisivo que acalentou, durante gerações sucessivas, o propósito de se vitalizar o sertão brasileiro, plantando no coração da pátria um centro poderoso de irradiação cultural, econômica e social. Por imposição da vontade nacional é esta a terceira vez que se reúne no Brasil uma Assembleia Constituinte, no decurso de menos de um século. Dentro dela tem vindo bater o sopro da aspiração de todos os brasileiros.

Apenas uma década depois e livre das amarras ideológicas, de métodos ditatoriais e sinalizando ruptura entre o antigo e o moderno, JK desenvolve sua imagem pública apoiado em promessas modernizantes, que encontram respaldo numa sociedade que almejava por ventos liberalizantes e que sonhava por melhores condições de vida e acesso ao consumo de bens e serviços em condições semelhantes ao que se podia obter no chamado “mundo desenvolvido” daquela época.

O ideal progressista estava de tal forma internalizado nos discursos de JK e era de tal forma repetido em cerimônias públicas, que tornaram esse tema recorrente o traço predominante de

sua personalidade como presidente, como podemos verificar nesse trecho de um pronunciamento aos deputados, em 1956:

Não há terra pobre que resista aos modernos processos de tratamento, não há região do Brasil que não sirva para uma ou outra espécie de cultura; não há muro de miséria ou pobreza que se oponha a tratores, irrigação e adubos, a estradas férreas ou rodovias, ao impacto de geradores elétricos, aos investimentos reprodutivos, à colaboração de elementos progressistas, indistintamente nacionais ou estrangeiros, estes últimos trazendo-nos uma fecunda experiência capaz de poupar longos anos de atraso. Não há miséria ou pobreza que resista ao desejo de integrar a nossa terra numa posição de destaque internacional.

Algumas expressões ou palavras tornaram-se repetidas nos discursos proferidos por JK em sua trajetória política, sugerindo de alguma forma a inspiração positivista contida em nossa bandeira – Ordem e Progresso - aqui compreendida como a orientação pela racionalidade, pelo planejamento, pela boa técnica, tendo o progresso como fim e pautado pela ética e pela lei.

JK criou o clima de otimismo de que o país precisava apoiado em alguns aspectos pessoais, simbólicos e práticos: sua personalidade e entusiasmo, ou *ethos*, aqui entendido como a capacidade de produzir e irradiar uma imagem de si diante de uma audiência, como também pela capacidade de governar com liberdade e democracia, além de prometer e entregar um audacioso Plano de Metas, cujas propostas foram todas cumpridas dentro de um só mandato, fato inédito até então.

Ao inaugurar Brasília, em 1960, JK profere mais um discurso em que sintetiza a sua trajetória como presidente e o legado desse período:

No Programa de Metas do meu governo, a construção da nova capital representou o estabelecimento de um núcleo em torno do qual se vão processar inúmeras realizações outras, que ninguém negará fecundas em consequências benéficas para a unidade e prosperidade do país.

Viramos no dia de hoje a página da História do Brasil. Prestigiado desde o primeiro instante, pelas duas Câmaras do Congresso Nacional e amparado pela opinião pública, através de incontável número de manifestações de apoio, sinceras e autenticamente patrióticas, dos brasileiros de todas as camadas sociais que me acolhiam nos pontos mais diversos do território nacional, damos por cumprido o nosso dever mais ousado; o mais dramático dever.

Acreditamos que nesse discurso estavam resumidas as bases que compuseram a trilogia mítica, simbólica e modernizante em torno do presidente JK e seus desdobramentos nos anos que se seguiram na construção da história brasileira. Alguém que construiu uma imagem transcendente a seu tempo, utilizando intensamente os meios de comunicação e que foi capaz

de criar ressignificações em seus intérpretes ou até mesmo apropriações de sentido incluídos nos discursos presidenciais posteriores.

Neste contexto, é possível supor que ao longo deste longo período de atuação, a imagem de JK tornou-se mitologizada, sustentando a sua permanência e lembrança na cena política atual, tal como nos ensina Girardet (1987: 15), ao mencionar como o mito político está presente na contemporaneidade:

Os mitos políticos de nossas sociedades contemporâneas não se diferenciam muito, dos grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais. A mesma e essencial fluidez os caracteriza, ao mesmo tempo que a imprecisão de seus respectivos contornos. Imbricam-se, interpenetram-se, perdem-se por vezes um no outro. Uma rede ao mesmo tempo sutil e poderosa de liames de complementaridade não cessa de manter entre eles passagens, transições e inferências. A nostalgia das idades de ouro findas desemboca geralmente na espera e na pregação profética de sua ressurreição.

Não estarão sugeridas nessas impressões de Girardet, a construção imaginária dos chamados *Anos Dourados*, expressão comumente utilizada e repetida como referencial para denominar o período do governo JK?

Não é por menos que o jornalista Claudio Bojunga descreveu JK como o *Artista do Impossível*, por saber como poucos juntar "crescimento econômico com liberdade e um compromisso com o sonho e a imaginação".

Ou como tão bem nos descreveu José Murilo de Carvalho:

Na democracia, JK se revelou profético. Mas em outra dimensão seu legado se mantém utópico. JK era um sonhador, um otimista delirante, um crente absoluto na capacidade dos brasileiros de sacudir a poeira do passado e invadir triunfalmente o mundo moderno, se possível, ao ritmo de uma valsa. Nem mesmo durante os anos de exílio e perseguição deixou de acreditar no país. Esse otimismo, essa alegria, essa certeza de objetivos compõem o elemento nostálgico e ao mesmo tempo utópico de sua memória.

E talvez aí resida a sobrevida do mito que mesmo ressignificado por seus intérpretes, ou por aqueles que lhe tomam de empréstimo algumas de suas características, mostra sua transcendência sobre os diferentes períodos históricos vivenciados no Brasil.

O poder simbólico – 50 anos em 5

"A imagem que Juscelino transmitia era modernizante. Ao convidar investidores estrangeiros para a viabilização das metas da indústria automobilística, de construção naval e de mecânica

pesada, rompia com a xenofobia estatizante da era Vargas. Era um vendedor de esperanças e um tocador de obras, disposto a quebrar rotinas burocráticas.” Roberto Campos

Um slogan desafiante e repleto de ações práticas. Esse era o tom predominante em todo governo JK, que pelas características imaginárias da mensagem poderia se aproximar das utopias, no sentido de se criar um futuro imaginado de características fantásticas, um porvir maravilhoso, de maneira otimista, fugindo aos padrões da realidade. Poderia se configurar como a construção de algo tal como gostaríamos que de fato fosse, tal qual edificado no plano de nossos ideais, longe de qualquer absurdo.

No clima de sociedade tradicional em que vivia o Brasil, na segunda metade dos anos 50, os sentidos de modernização, progresso e desenvolvimento soavam como mantras dos novos tempos, embutidos nas mensagens presidenciais cotidianas, em total sintonia entre o prometido e o realizado, com ampla cobertura da imprensa.

Esses episódios constituíram fatos históricos marcantes da vida política, social e econômica do Brasil e, ao mesmo tempo, pelo alcance dessas narrativas na grande mídia, desenvolviam na população em geral o prenúncio de uma vida melhor, de um futuro promissor, contribuindo assim para a construção de um elo cada vez mais forte entre o realizado e seu realizador: Juscelino Kubitschek.

Tal como nos mostra Eliade (1992: 43), “o episódio histórico em si, por mais importante que ele seja, não é conservado na memória popular, e sua lembrança tampouco alimenta a imaginação popular, salvo enquanto episódio histórico particular estiver próximo de um modelo mítico”, JK e seu legado demonstraram o papel fundador da chamada “modernidade do poder”, em que se experimentava pela primeira vez na história do país a combinação de democracia, desenvolvimento, liberdades individuais e coletivas e um sentimento de que “agora vai dar certo”.

Esse “discurso fundador” que marcou o período JK, no qual a modernidade se revela por meio de planos e realizações práticas, se caracteriza pela formação de sentidos daquilo que se constitui a historicidade de uma país, pela análise de seus mitos, lendas, discursos políticos e lendas e que tenta decifrar o modo como se formam e se cristalizam na memória coletiva como seus referenciais imaginários, passando de geração em geração.

Orlandi (2003: 23) relembra que:

História está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentido, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder [...] a relação com o poder a história é dupla: o discurso é histórico porque se produz em condições determinadas e projeta-se no futuro, mas também é histórico porque cria tradição, passado e influencia novos acontecimentos. Atua sobre a linguagem e opera no plano da ideologia, que não é assim mera percepção do mundo ou representação real.

Podemos então inferir que essa construção discursiva no contexto de uma época foi em parte capaz de criar um sentimento de brasilidade singular, pelo qual o processo de identidade social se deu com aquilo que na verdade não éramos, mas que procurámos ser: um país moderno, capaz de operar o desenvolvimento acelerado e produzir riquezas.

Esse conjunto de sentidos acendeu a "chama nacionalista e progressista" que levou uma parcela substancial da população a crer que "o Brasil iria para frente", fato esse alimentado igualmente pela participação de importantes setores da mídia, cuja transformação em forma e conteúdo tornava os veículos cada vez mais atraentes ao público consumidor.

Segundo a pesquisadora Lucia Lippi Oliveira, as revistas ilustradas semanais, com circulação nacional, tiveram seu período áureo durante os anos JK, com a introdução de uma nova estética na distribuição das fotografias. A revista *O Cruzeiro* (do Rio) deu espaço a grandes reportagens onde a cor e as imagens eram dominantes e apoiou sem muito alarde o governo JK. A revista *Manchete* (também do Rio) foi grande divulgadora das propostas desenvolvimentistas de JK e valorizou o slogan "50 anos em 5".

Essa relação de JK com alguns desses prestigiados veículos midiáticos permitiu a ampla divulgação de seus projetos políticos e administrativos, ajudando a diluir eventuais tensões pelos setores contrários às propostas do governo e aumentando a exposição do presidente junto à opinião pública que obtinha nas revistas semanais um ponto de referência crítica.

A revista *Manchete* ajudou a criar a fama dos anos JK como "Anos Dourados" e a tornar o presidente uma figura popular. "Brasília e Manchete cresceram juntas", disse seu criador, Adolfo Bloch. Fundada em abril de 1952, a revista valorizava o aspecto visual, o colorido, a paginação. Nela, JK era apresentado como homem simples, do povo, que transmitia confiança nos destinos do país. Essa confiança se fazia presente de forma concreta, já que JK era mostrado como um homem de ação, empreendedor e inovador.

As características-chaves do presidente em seu estilo de comunicar suas realizações, apoiados pela oratória e poder de convencimento, mostravam-se cada vez mais eficazes na produção de ingredientes que fomentavam ainda mais os aspectos míticos de sua administração e da pessoa investida de uma missão visionária e histórica.

A própria revista *Manchete* relacionava a primeira missa rezada em Brasília, por ocasião da inauguração de uma capela em 1957, com a Primeira Missa do Brasil em 1500. Foi no sermão dessa missa de 1957 que D. Carmelo Mota, cardeal arcebispo de São Paulo, fez referência a uma profecia de D. João Bosco, que em sonho teria visto a nova capital do país no Planalto Central. Finalmente, a relação entre o plano piloto da cidade e o sinal da cruz era realçada pela menção à explicação de Lúcio Costa: "O plano piloto de Brasília nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da Cruz".

O simbolismo emanado pelo presidente era tamanho que uma frase por ele proferida, em discurso de 2 de outubro de 1956, era lembrada com destaque: "Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os

olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta Alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino."

O poder simbólico, enriquecido pelos elementos da sedução e persuasão, puderam assim se perpetuar na memória dos registros históricos, bem como eventualmente reaparecem por apropriação nos discursos dos presidentes que vieram em sucessão.

O cotidiano ressignificado – O Brasil Moderno

"O que a minha vida pode oferecer para as gerações futuras é apenas o esforço, a tenacidade com que lutei para realizar algumas das coisas que prometi a este país" – Juscelino Kubitschek

O estudo do cotidiano nos leva à compreensão de questões importantes de como se desenvolvem as relações sociais e a produção de sentidos da forma mais ampla de uma sociedade em diferentes momentos de sua existência. Fatos aparentemente sem importância constituem elementos chave na elaboração de uma análise mais complexa dessas relações, nos seus aspectos objetivos e subjetivos. Como buscar esses elementos em nossa história recente e fazê-los contemporizar-se com o que hoje vivenciamos?

É justamente nessa perspectiva que tomamos por estudo a sociedade brasileira a partir da 2ª metade dos anos 50, tendo como fio condutor as relações político-sociais representadas pelo governo JK e da comunicação de massa que se seguiu com a intensa divulgação das ações governamentais e ao mesmo tempo servindo de espelho por conta dos novos hábitos verificados no cotidiano das grandes cidades e particularmente na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República e polo irradiador da cultura, da comunicação, usos e costumes.

O clima favorável e eufórico que se formou no sentimento coletivo brasileiro nesse período foi de alguma forma produzido por aquilo que Agnes Heller (2005: 52-53) denomina como homogeneização pela qual, os seres humanos em geral, tornam-se mais próximos das atitudes coletivas, a qual se caracteriza por diferentes fatores, tais como a concentração sobre uma questão e quando esse processo se dá de forma voluntária e consciente. Quando se dá essa suspensão do particular-individual, segundo Heller, dá-se a transformação do "homem por inteiro". Isso em geral ocorre com os grandes estadistas (JK, por exemplo), artistas e cientistas e pessoas de grande influência junto às suas respectivas sociedades ou grupamentos humanos nos quais chegam suas mensagens.

Ao estudamos o período JK, também denominado, como já mencionado anteriormente, por diferentes autores e publicações, como os *Anos Dourados*, podemos dizer que foi um discurso construído politicamente sobretudo para as populações das grandes cidades brasileiras, de maior concentração de renda e informação, para as quais acenou-se com empolgação, com a ideia modernizante e de um modelo de desenvolvimento para o país, traduzidos em resultados práticos.

Tinha a contribuir para esse estado de espírito o fato de no Brasil haver terminado um longo período ditatorial e de orientação conservadora, onde o surgimento de novos ingredientes

liberalizantes trariam a desejada renovação dentro de um contexto de sociedade, notadamente classe média urbana, que ansiava por mudanças e acesso aos itens de conforto e de consumo já disponíveis em outras partes do mundo, assim denominado desenvolvido. Essa inserção na modernidade era o mote e o sentido de todo um período político cujos reflexos sobre a vida cotidiana seriam capazes de transformar não apenas os hábitos mas a história de um país, marcas essas deixadas por legado às décadas que se seguiram.

As raízes desse período nos mostram que o final da 2ª Guerra Mundial alterou substancialmente o cenário mundial, juntamente com a prosperidade econômica americana, os quais introduziram e difundiram no mundo ocidental modos de viver e de consumir formando assim a florescente sociedade de consumo, de características urbano-industriais, tendo o apelo ao desenvolvimentismo como política e a mídia em geral como difusora e indutora de novos hábitos de consumir.

Ser moderno então no Brasil era estar mais próximo dessas realidades de características mais desenvolvidas. À medida em que novos produtos eram lançados, a propaganda ganhava também maior espaço no rádio, revistas, jornais, cinema e na televisão, que então engatinhava, criando um novo conceito de programação apoiado por patrocinadores, alcançando grandes audiências nos planos regional e nacional.

A intensa difusão desses novos hábitos nos meios de comunicação ampliaram o sentimento de otimismo, liberdade, desenvolvimento, modernidade e de inserção, sobretudo nos grandes centros urbanos, tendo esse entusiasmo também expandido e impregnado outras formas artísticas e da cultura, tais como o cinema, a música, a literatura, o teatro, cujas expressões estéticas e artísticas se aproximavam desse espírito de renovação. O governo JK foi de alguma forma o aglutinador do espírito otimista de uma época e soube traduzir esse desejo coletivo por mudanças em ações socialmente reconhecidas, cuja influência sobre o cotidiano transformaria a sociedade brasileira e influenciaria as décadas que viriam a seguir.

O cotidiano do presidente também se tornaria conhecido do grande público, ao ser divulgado de forma inédita, aproximando-o do cotidiano das demais pessoas, como atesta matéria publicada pela revista *O Cruzeiro*, em 1956, denominada "O Dia a Dia do Presidente", com ilustrações fotográficas de cada instante dessa rotina diária, tais como fazer a barba, falar ao telefone na sua cama, calçar as meias, tomar café, dar o nó na gravata e vestir o paletó:

O presidente JK era madrugador. Às seis horas, no Palácio das Laranjeiras, já estava no banho, providenciado pelo camareiro Geraldo Batista. Ali mesmo, na banheira, começava a trabalhar, despachando com assessores mais chegados – o coronel Affonso Heliodoro, por exemplo, subchefe do gabinete civil. Ou o escritor Autran Dourado, secretário de Imprensa.

Encontrava preparadas as roupas que ia vestir. As calças só com suspensório, pois não usava cinto. Os sapatos sem cadarço. As meias pelo avesso, para facilitar o trabalho de calçá-las. O lenço perfumado no bolsinho do paletó.

No café da manhã, rodeado de auxiliares, seguia trabalhando, enquanto dava conta de um bife bem fino, pão com manteiga, queijo-minas, café e fruta.

Se almoçava no Palácio do Catete, d. Sarah mandava comidinha mineira das Laranjeiras. Depois, quando podia, JK punha o pijama e tirava uma sesta, seguida de chuva. O jantar era servido antes das nove da noite. De raro em raro, uma roda íntima de papo e música, com o pianista Bené Nunes, o violoncelista Dilermando Reis e a voz do amigo César Prates, fechava a noite.

Se o imaginário popular consagrava JK por seus feitos, as revelações do cotidiano realçavam a sua natureza próxima das pessoas, não necessariamente desmistificando a figura do presidente, mas dando-lhe feições mais humanas e próximas do senso comum. E essa leitura é importante para verificar os elementos transformadores e influenciadores que o discurso e os atos presidenciais poderiam significar no coletivo.

Para exemplificar, relembro Grispun (2001: 54), também citado por Michel de Certeau (1996):

O pesquisador que propõe estudar o cotidiano está interessado pelo senso comum, pelo homem da rua, pelo imaginário, pelas representações e representações sociais: "O que acontece no cotidiano (...) não pode ser visto apenas de fora para dentro, isto é, como algo que aconteceu (...) [ali mesmo] e será analisado por terceiros; é preciso ver também o que o sujeito fez para que isso acontecesse, sua parte (potencialidade) e como reagiu ao que aconteceu, enquanto outros também agiram (possibilidade). A prática social mostra sua verdade no cotidiano, quer se relacione à arte, à filosofia ou à política (...).

Em Bourdieu, podemos igualmente verificar que o poder simbólico exercido pelos atos presidenciais, nesse artigo personalizados por JK, levaram-no não apenas à condição de mito político, mas também à condição de transformador de realidades cotidianas celebrado pela opinião pública. Bourdieu destaca que o poder simbólico tem a capacidade de construir realidades e que de alguma forma é também uma maneira de dominação ou de exercício político-social.

Thompson (2002, p.131) destaca que o "poder simbólico consiste na capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças dos outros e de criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas". No caso específico de JK, de forma induzida ou não, demonstra que o presidente soube como poucos líderes políticos produzir discursos nos meios de informação e comunicação capazes de exercer o poder simbólico que o levaria a "cultivar e sustentar a crença em sua legitimidade", sem uso da força ou de qualquer outro meio coercitivo.

Provavelmente nos anos JK vivia-se uma atmosfera próxima da euforia dos ideais utópicos, onde as mazelas de uma sociedade desigual pareciam distantes, neutralizadas ou momentaneamente esquecidas. Até os gastos públicos e a inflação ascendente que já

começava a dar sinais de preocupação naquele período, mesmo recebendo duras críticas por parte da mídia e de figuras de destaque na política, ainda assim pareciam problemas menores diante de tantas realizações.

As mudanças produzidas na sociedade brasileira foram tantas que os símbolos da modernização não paravam de surgir:

- supermercados em lugar de armazéns;
- lojas com produtos agora produzidos no Brasil, tais como aspiradores, televisores, rádios de pilha, barbeadores elétricos e geladeiras, que faziam a festa nos lares da influente e ascendente classe média;
- automóveis e utilitários dos mais variados tipos e marcas, produzidos no país;
- para utilizá-los no dia a dia das cidades, mais ruas e avenidas eram abertas. Para ir mais longe, viagens de fim de semana em estradas que iam cada vez mais longe;
- revistas semanais surgiram com propostas gráficas inovadoras as quais se aproximavam daquelas de grandes e prestigiadas revistas americanas e europeias.

Era o prenúncio de uma modernidade que se mostrava no cotidiano das pessoas, traduzida em parte pelos hábitos e modos de consumo, como também no imaginário coletivo, inserido num contexto mais amplo de sociedade, que ansiava por mudanças e que sonhava ingressar num futuro promissor. Nos anos 50, a emergência do desejo de ser moderno generalizou-se por toda a sociedade brasileira e passou à esfera do domínio da vida cotidiana. A produção tanto material quanto cultural passou a ter destino nos mercados de massa e ficou ligada às diversas necessidades do dia-a-dia. Da mesma forma, a idéia de ser moderno estava relacionada a novos estilos de vida, comportamentos e hábitos, difundidos mais amplamente pelos meios de comunicação de massa.

A modernidade não resultou apenas na padronização de um estilo de vida, tanto nos seus aspectos materiais quanto nas escalas de valores, mas numa revelação de um modo de vida baseado em referenciais com ela identificados, tais como funcionalidade, conforto, eficiência e racionalidade. Esse movimento em busca do novo, de uma referência cultural mais próxima de padrões universais, foram facilmente adaptáveis à nossa realidade diante das características plurais da cultura brasileira.

O viver moderno trouxe transformações culturais e nos significados das experiências em tempos de JK. Não que as formas tradicionais tenham desaparecido: mantiveram-se residuais, convivendo com experiências emergentes. Era possível reconhecer um campo de experiências em comum entre os sujeitos históricos que a vivenciavam. Estabelecia-se uma tendência, uma espécie de aparente tensão entre tradição e ruptura..

Essas modificações no seio da sociedade brasileira pautaram-se por novas vivências cotidianas, a partir das quais se constituíram novas organizações sociais influenciadas por esse novo ideal de vida, que não era apenas um sonho, mas que se materializa em seus avanços. O imaginário se tornava real, a vida moderna era o indicador de novos tempos. Surgia assim uma nova bossa no Brasil.

Bossa nova era ser presidente

“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que vem e que passa, num doce balanço, a caminho do mar” – Garota de Ipanema – Tom Jobim

O Brasil se desenvolvia em tempos de JK e esse efeito indutor também atingiria todas as formas de manifestação artística. Era um misto de progresso, otimismo, euforia, sonho, práticas democráticas e busca de expressões sócio-culturais que melhor designassem esse momento vivido pelo país e por uma nova sociedade, de características urbano-industriais, que demonstrava interesse crescente por lazer e informação em parte proporcionada pela expansão dos meios de comunicação. Esse efeito cultural em massa não só mudaria os hábitos como também traria alterações no cotidiano social, com destaque para os centros urbanos, com destaque especial para ainda capital do país, o Rio de Janeiro, centro de criação de modas e modismos daquele momento histórico-social.

O governo JK é representado no imaginário político brasileiro como a “Época de Ouro” cuja lembrança coletiva é sobretudo marcada pelos elementos positivos, cujos atos e práticas servem de referência habitual nos discursos presidenciais contemporâneos. Se entendermos o imaginário como um sistema de idéias e imagens de representação coletiva, podemos inferir que o período JK foi caracterizado por uma função criadora e propulsora nesse processo de formação de idéias e imagens da representação coletiva do país moderno, desenvolvido, novo, com forte influência no comportamento coletivo e na vida social em geral.

Relembrando Pereira (2007: 67), podemos destacar alguns desses importantes elementos na composição da vida cotidiana:

A cotidianidade é a qualidade, a adjetivação dos procedimentos da vida cotidiana. Na sociedade de consumo, a cotidianidade pode se confundir com o bem estar material, produção de bens simbólicos, luxo “gaspillage” (desperdício). É preciso, sobretudo, pensar a cotidianidade em relação ao imaginário social de cada povo: as riquezas estéticas traduzidas nos ritmos, nas imagens, na fala. Isto é o que faz com que a vida cotidiana não seja igual para os grupos sociais, mesmo que estes ocupem o mesmo espaço urbano.

Se o cotidiano é de tal forma influenciado pelo imaginário coletivo, logo havia de fato sinais de movimentos de tradição e ruptura na sociedade brasileira que almeja o moderno, entre o novo e o atrasado, entre o urbano e o rural. Ao repassar alguns fatos ocorridos na 2ª metade dos anos 50, é possível associar alguns desses acontecimentos com a prosperidade sócio-econômico-cultural daqueles momentos, cujo fervilhamento dava-se principalmente nas grandes cidades, como que um movimento de ruptura com o país atrasado, agrícola e agora de características industriais, que pretendia ser desenvolvido.

JK e seu estilo, de certa forma propiciou o ponto de encontro dessa “temperança” político-cultural, culminando com o aparecimento de inúmeras manifestações nos mais diferentes campos da atividade cultural e artística com forte influência sobre as maneiras de agir e pensar dos indivíduos em seu cotidiano a partir da livre expressão dos sentimentos e da criatividade.

De acordo com Maffesoli,, em citação de Pereira (2007: 66):

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] de tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, strcto sensu, uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura.

Esse sentimento de livre expressão associava-se diretamente às ideias e propostas de desenvolvimento do país. Se na economia ia-se bem, nas artes florescentes e livres na sua expressão não poderia ser diferente: tínhamos a emergência, por exemplo, do Cinema Novo e a da Bossa Nova. Embalada pelo novo ritmo e pela nova estética cinematográfica, a produção brasileira parecia liberta-se de alguns modelos estrangeiros e buscava caminhos próprios, que terminariam por se disseminar mundo afora.

Seria oportuno destacar a afinidade e a proximidade de JK com o mundo artístico e dele também recebendo críticas em todo período de governo. A letra de uma composição de Juca Chaves é bem ilustrativa dessa relação entre o presidente e seus contrários. Diz-se que o compositor foi chamado para uma conversa no palácio presidencial e saiu de lá como amigo. A música, apesar do tom crítico, virou sucesso e só veio a reforçar a imagem positiva do próprio presidente:

Bossa nova mesmo é ser presidente//Desta terra descoberta por Cabral//Para tanto basta ser tão simplesmente//Simpático, risonho, original//Depois desfrutar da maravilha//De ser o presidente o Brasil//Voar da Velhacap pra Brasília//Ver a alvorada e voar de volta ao Rio//Voar, voar, voar, voar//Voar, voar pra bem distante//Até Versalhes onde duas mineirinhas valsinhas//Dançam como debutante, interessante//Mandar parente a jato pro dentista,,//Almoçar com tenista campeão,,//Também poder ser um bom artista exclusivista//Tomando com Dilermando umas aulinhas de violão//Isto é viver como se aprova//É ser um presidente bossa nova//Bossa nova, muito nova//Nova mesmo, ultra nova!
Presidente Bossa Nova - Juca Chaves

Esse período de ufanismo influenciou e muito as relações cotidianas, em curto espaço de tempo: ganhamos uma Copa do Mundo, criamos um estilo musical que se tornaria referência de nossa produção cultural e o mais globalizado de todos, nosso cinema corria o mundo com a sua nova proposta, construímos a cidade do futuro – Brasília, as mulheres passaram a usar biquíni e passamos a assistir à televisão em escala massiva, dando adeus à hegemonia do rádio. Em tempo: Marta Rocha quase foi eleita Miss Universo, perdendo por umas poucas polegadas. Que injustiça!

Essa modernidade nos gostos, nos costumes, jamais perderíamos, mesmo assistindo a diferentes momentos e contrastes nas relações políticas, sociais e econômicas. Estávamos embalados pelo futuro ou, nele inseridos de maneira inabalável, a ponto de construir e sustentar por muito tempo um velho bordão: Brasil, um país do futuro! Hoje, já sem muito sentido.

Considerações finais

"Acho que o melhor presidente que o Brasil já teve, pelo menos aquele que trabalhava com Plano de Metas e tentou cumprir este plano, foi Juscelino Kubitschek. Não acredito em quem não tem objetivos, não tem projetos, não sonha alto. Eu acredito em gente como Juscelino." - Luís Inácio Lula da Silva (*Isto É* – 2008)

"Hoje, Juscelino é uma unanimidade. Soube governar com sentido democrático por compreender que, em uma sociedade complexa como a brasileira, a tolerância e o trabalho permanente de aproximar forças divergentes são os únicos caminhos para fazer com que a política cumpra o seu objetivo maior: servir ao bem público. Juscelino foi, essencialmente, um articulador de consensos, um homem de ação, de resultados. JK alcançou o que poucos estadistas conseguem: criar uma nova identidade nacional".

Fernando Henrique Cardoso - Todos querem ser como Juscelino (Isto É – 2008)

A morte trágica de JK em um acidente de carro, fechou um ciclo de construção de um mito dando-lhe feições de mártir, sobre o qual indica não pairar nenhuma grande discussão ou dúvida que possa macular sua memória. Essa mantém-se praticamente intacta, quase congelada e circunscrita ao seu período de governo, culminado de forma quase apoteótica no imaginário popular, pela inauguração de Brasília, denominada por André Malraux, influente ministro francês dessa época, de "a capital da esperança".

É provável que esse fato acendeu, mesmo entre seus ferrenhos adversários, o reconhecimento de que JK tenha praticado atos da maior relevância para o exercício da democracia, de participação e expressão sócio-culturais cuja influência sobre as relações cotidianas na sociedade brasileira moderna tornaram-se de alguma forma irreversíveis.

Relembrando o mestre José Murillo de Carvalho, experimentou-se no período JK, de forma ainda inédita no Brasil o respeito às leis, às regras estabelecidas, a tolerância para com o trato

das divergências, a não tentação pelos atos ditatoriais, os ataques da mídia, a resistência de ferrenhos opositores, aos motins militares, tudo dentro da mais pura tradição das práticas democráticas.

Segundo Carvalho,

foram necessários 21 anos de ditadura para perceber que JK é quem estava certo. Éramos felizes e não sabíamos. Só hoje, quando a democracia ganhou a lealdade de quase todos, é que se tornou possível recuperar essa dimensão dos anos JK. Só hoje é possível construir a memória de JK com base na valorização da democracia. Construída dessa maneira, a memória de JK não distorce nem agride a história. Pelo contrário, ela dá à história um sentido só revelado no futuro. O padre Vieira gostaria dessa visão de memória como a história que é ocultada pelo presente.

A construção da imagem mitológica de um político da expressão de JK pode indicar subsídios importantes para conhecer um pouco mais sobre o imaginário social e a cultura política de um país. Pode indicar como o cidadão comum torna-se consumidor de mitos na contemporaneidade e evidenciar as modificações ocorridas nas práticas políticas, sociais e cotidianas brasileiras. É capaz por fim, de explicar como uma mesma figura pública pode transitar no cenário político por mais de cinco décadas, a partir de imagens distintas, em diferentes momentos históricos, às vezes com aceitação, em outras com rejeição, podendo ser reconfigurada de tal forma a ponto de proporcionar sua aceitação, mesmo diante de manifestações contrárias.

É possível que o maior legado de JK seja investido dos elementos utópicos, por seus aspectos de delírio, empreendedorismo, otimismo e profecia, já que o presidente via o futuro como um sonhador, convicto de que algo melhor poderia ser feito ou realizado, num exercício de fé na nossa capacidade de vencer barreiras e adversidades, além, é claro, do inegável e didático exercício das práticas democráticas.

Essas características encontraram de alguma forma ressonância no coletivo da sociedade brasileira e em seu cotidiano, o que nos leva a recordar de forma nostálgica de um tempo que não mais existe, mas que talvez possa vir a se repetir ou a se realizar, por meio de algum candidato a presidente, fazendo-nos superar as agruras de um futuro incerto, sempre acreditando que dias melhores virão.

Talvez a mais inestimável herança e habilidade dos verdadeiros estadistas seja essa capacidade de nos fazer sonhar, de almejar ou de buscar a realização daquilo que coletivamente desejamos, tornando a vida menos difícil e também ressignificando, do ponto de vista simbólico, o nosso próprio cotidiano.

Bibliografia consultada

Livros

BARTHES, R. (2007): *Mitologias*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

BOJUNGA, C. (2010): *JK – O Artista do Impossível*, Rio de Janeiro, Objetiva.

CARVALHO, J. M. (2002): A memória democrática – artigo publicado em 3 de fevereiro de 2002, no suplemento *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*.

CERTEAU, M. de. (2003): *A invenção do cotidiano*, 1. artes de fazer. 9. ed. Petrópolis, Vozes.

CHARTIER, R. (1991): O mundo como representação. In: *Estudos Avançados*. 5, n. 11. São Paulo Jan./Abr, 1991.

COHEN, M. (2005): *O presidente Bossa Nova*, Editora Globo, Rio de Janeiro.

COUTO, R. C. (2011): *Juscelino Kubitschek – Brasília* – Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados

ELIADE, M. (2011): *Mito e Realidade*, Perspectiva, São Paulo.

GIRARDET, R. (1987): *Mitos e mitologias políticas*, São Paulo, Companhia das Letras.

HELLER, A. (2009): *O Cotidiano e a História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LEFEBVRE, H. (1991): *A vida cotidiana no mundo moderno*, São Paulo, Atica.

ORLANDI, E. P. (org.) (1993): *Discurso fundador*, Campinas, S. R, Pontes.

PEREIRA, W. (2007): A comunicação e a cultura no cotidiano, *Revista FAMECOS*, Porto Alegre – nº 32 – abril de 2007.

Artigos de revistas, jornais e citações na internet

<http://www.projetomemoria.art.br/JK/biografia/3-esplendor.html> – acessado em 15/07/2012

<http://veja.abril.com.br/especiais/brasil/encanto-nao-se-transfere-p-124.html> - acessado em 15/07/2012

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2006/01/02/000.htm7> acessado em 05/07/12

<http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm.idReportagem=620txPrint=comp> – acessado em 12/06/12

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR72824-6014,00html> – acessado em 04/06/12

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanoDeMetas> - acessado em 15/05/12

<http://www.observatoriadaimprensa.com.br/news/view/brasiliaosanosdouradosdaimprensa> - acessado em 17/07/12

JK: Por que o mito sobrevive? – disponível em <http://www.istoeonline.com>. – acessado em 17/07/12

<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Manchete> - acessado em 20/07/12

